

Variação e identidade em músicas sertanejas: um olhar para o /R/ em coda silábica

Aline Kelen Rodrigues da Silva
Marília Silva Vieira Pereira (*)

Introdução

A variação linguística, enquanto objeto de estudo da Sociolinguística, revela-se um fenômeno intrinsecamente ligado às dinâmicas sociais, históricas e culturais de uma comunidade de fala. No contexto brasileiro, o português apresenta marcas regionais e estilísticas que se tornam elementos identitários, capazes de refletir processos de mudança social e de construção simbólica. A música, especialmente a sertaneja, constitui um espaço privilegiado para observar tais fenômenos, visto que além de reproduzir práticas linguísticas reais, também projeta representações sociais do sujeito caipira. Neste trabalho, delimitamos como objeto de estudo a variação da realização do fonema /R/ em posição de coda silábica em músicas sertanejas. O *corpus* é composto por 96 canções distribuídas entre as vertentes do sertanejo raiz e do sertanejo universitário, abrangendo artistas de estados-chave para a difusão desse gênero musical, como Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Essa seleção permitiu observar a presença da variável em contextos fonéticos diversificados, bem como suas possíveis correlações com fatores estilísticos e sociais.

A pesquisa ancora-se na Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008; Eckert, 2005), com ênfase na terceira onda da sociolinguística (Eckert, 2005), que desloca o foco da mera descrição da variação para a compreensão de seus significados sociais e identitários. Além disso, articulam-se conceitos de identidade cultural e social, conforme discutidos por Hall (2015) e Antunes (2012), a fim de compreender como a figura do caipira é construída simbolicamente no sertanejo raiz e ressignificada no sertanejo universitário.

A partir desse recorte, surgem as seguintes perguntas de pesquisa: como a variação do /R/ em coda silábica se manifesta nas músicas sertanejas? Essa variação pode ser interpretada como um marcador identitário entre o sertanejo raiz e o universitário? Quais fatores sociais,

(*) Aline Kelen Rodrigues da Silva é mestrandona Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás/Campus Cora Coralina. E-mail: alinekelen98@gmail.com. Marília Silva Vieira Pereira é doutora em Linguística e docente do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás/Campus Cora Coralina. E-mail: vieirasmarilia@gmail.com

regionais e estilísticos influenciam sua realização? O objetivo geral consiste em analisar a realização do /R/ em coda silábica em músicas sertanejas, relacionando-a à construção da identidade caipira nas vertentes raiz e universitária. Como objetivos específicos, busca-se identificar as variantes fonéticas do /R/ em coda silábica nas músicas analisadas, comparar a distribuição dessas variantes entre os estilos raiz e universitário, observar as possíveis influências regionais na escolha das variantes e discutir a relação entre a variação fonética e a construção estilística da identidade caipira nas canções.

Quanto às hipóteses, este estudo parte da possibilidade de que, no sertanejo raiz, predomine a retroflexão [ɿ], vinculada à identidade rural e tradicional, enquanto no sertanejo universitário haja maior ocorrência do apagamento [Ø] ou do tepe [ɾ], associados a uma identidade mais urbana e moderna. Assim, a variação fonética pode refletir não apenas aspectos linguísticos, mas sobretudo escolhas estilísticas que indexam identidades sociais.

Estudos sobre o /R/ em coda silábica no português brasileiro já foram amplamente desenvolvidas em entrevistas sociolinguísticas (Callou & Leite, 2002; Bortoni-Ricardo & Oliveira, 2013). Entretanto, a análise de sua realização na fala cantada, especialmente no sertanejo, permanece pouco explorada.

Fundamentação teórica

A presente investigação está ancorada nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, especialmente na vertente da terceira onda. Essa abordagem comprehende a variação como um fenômeno essencialmente social, em que a língua se apresenta como “um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente” (Mollica, 2012, p. 10). Parte-se do entendimento de que as línguas são, por natureza, heterogêneas e, ao longo de sua evolução, sofrem alterações motivadas principalmente por fatores sociais. Nesse sentido, a análise da língua falada possibilita identificar e explicar essas variações.

O propósito deste estudo é investigar a variação na prática estilística, entendendo o estilo como elemento constitutivo da construção do significado social, ao relacionar as escolhas linguísticas aos papéis sociais. Para Eckert (2005), a terceira onda inaugura uma nova direção nos estudos de variação: em vez de restringir-se aos falantes e ao modo como utilizam a língua, procura-se compreender o significado que impulsiona determinadas performances linguísticas.

Com base nesse pressuposto, busca-se examinar como ocorre o processo de construção identitária do caipira, a partir da linguagem presente em músicas sertanejas. A língua é

concebida como socialmente condicionada, sujeita à variação e à mudança em consonância com transformações históricas, sociais e culturais de uma comunidade de fala. Assim, torna-se essencial compreender as mudanças que ocorrem na fala caipira, especialmente na representação dessa figura em produções musicais que dão voz a esse grupo.

Segundo Antunes (2012), é possível distinguir melhor essas duas representações de caipira presentes nas vertentes musicais. O sertanejo raiz, ou tradicional, tem suas origens no início do século XX e mantém forte vínculo com a vida rural. Sua estética valoriza a simplicidade do campo, o cotidiano do trabalhador, a natureza e as tradições do interior. Os arranjos musicais são marcados por violas, sanfonas e acordeões. Essa vertente ganhou relevância social, sobretudo durante o êxodo rural das décadas de 1950 e 1960, servindo como meio de preservar a identidade rural em meio à urbanização, ao mesmo tempo em que reforçava as tradições sertanejas.

Por outro lado, o sertanejo universitário surgiu no início dos anos 2000, em um cenário urbano e modernizado, conquistando espaço entre jovens universitários e grandes centros urbanos. Diferentemente do estilo raiz, essa vertente trata de temas como relacionamentos, festas, vida urbana e nostalgia do campo. Musicalmente, apresenta fusões com gêneros como pop, rock e música eletrônica. As letras refletem as mudanças sociais e culturais do Brasil contemporâneo, destacando a modernização e a urbanização, bem como a ascensão econômica do caipira, impulsionada pelo agronegócio.

Diante disso, o estudo da realização da variável /R/ em coda silábica torna-se essencial para compreender como tais transformações sociais e culturais do caipira se manifestam linguisticamente nas músicas sertanejas, considerando fatores como região, época e identidade cultural. A pronúncia do /R/ desempenha papel central na análise do contexto fonético-fonológico da fala caipira representada nas duas vertentes.

Stuart Hall (2015) afirma que “a identidade costura o sujeito à estrutura, estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam”. Essa visão evidencia a relação direta entre identidade e estrutura social, em que o sujeito reflete seu meio. Para o autor, a identidade é fragmentada e mutável: ao se transformar o contexto social, o sujeito também reconfigura sua construção identitária, distanciando-se da concepção de identidade fixa e imutável.

Esse entendimento de identidade pode ser aplicado às representações nos estilos sertanejos. Conforme Antunes (2012), no sertanejo raiz a imagem do caipira está fortemente associada à viola, ao campo e a uma postura mais rústica, simbolizando virilidade e apego à

vida rural. A indumentária também reforça essa estética: camisa simples, calça jeans, botas e chapéu de boiadeiro. Já no sertanejo universitário, a figura do caipira passa por ressignificação, aproximando-se de um estilo mais urbano e pop, com roupas coloridas, tênis, cabelos estilizados com gel substituem o visual tradicional. Dessa forma, a identidade do caipira se desvincula de temporalidades e tradições, como aponta Hall (2015), adquirindo novos significados.

Sob essa ótica, percebemos que uma mesma comunidade de fala, ou comunidade de prática, pode redefinir seus modos de expressão linguística e social, moldando identidades em função do contexto. Destaca-se, assim, a relevância da perspectiva sociolinguística neste estudo, já que a análise das músicas possibilita acessar amostras reais da fala e compreender a relação entre discurso e identidade. Diferentes regiões produzem variedades distintas, que atuam como marcadores sociais e identitários.

Essa variação identitária e linguística pode ser entendida a partir dos fatores históricos, sociais e culturais vivenciados pelos sujeitos. A fala caipira, portanto, não é homogênea, mas se adapta às diferentes origens dos membros que constituem essa comunidade de fala.

Procedimentos metodológicos

O presente estudo tem como objetivo analisar o uso do /R/ em coda silábica em músicas sertanejas, tanto no estilo raiz quanto no universitário. Para isso, foi realizada uma seleção de músicas representativas desses gêneros em cinco estados brasileiros: Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, São Paulo e Minas Gerais. A escolha desses estados se deve ao fato de serem regiões historicamente influentes na formação e na disseminação da música sertaneja, tanto em sua vertente mais tradicional quanto na sua versão contemporânea.

Para garantir um *corpus* equilibrado entre os estilos analisados, foram selecionados dois representantes do sertanejo universitário por estado. De cada um desses artistas, foram analisadas quatro músicas, totalizando oito canções por estado. O mesmo procedimento foi adotado para o sertanejo raiz, resultando, ao final, uma amostra de 96 músicas (48 do sertanejo universitário e 48 do sertanejo raiz), ao total foram coletadas 854 ocorrências. Essa escolha permitiu uma amostragem robusta e diversificada, contemplando diferentes abordagens musicais dentro do gênero sertanejo e possibilitando uma análise comparativa entre as duas vertentes. Após a coleta dos takens, os dados foram distribuídos no software *Excel*, depois analisados pelos no *RStudio*.

A coleta das músicas foi realizada em plataformas digitais amplamente utilizadas pelo público brasileiro, como *Spotify* e *YouTube*, que representam os principais meios de consumo de música na atualidade. Já as letras das músicas foram obtidas por meio de buscas no *Google*, uma vez que muitas composições são disponibilizadas em sites especializados na transcrição de letras musicais. Abaixo, segue uma listagem das músicas selecionadas para composição do *corpus*:

Quadro 1: Músicas selecionadas para análise

Besta Ruana	Sorte que você beija bem
Cabloca Tereza	Melhor terminar
Chico Mineiro	Os miô
Viola de Ouro	Made no sertão
Caminheiro	Bagulho é louco mano
Saudade de Minha Terra	Nunca namore um cowboy
Verdadeiro Amor	Anjo caipira
Contramão	Viola não come carne
As Andorinhas	Aprendi a Viver
O Sol e a Lua	A Gente Fica Sem Se Amar
Prazer de Fazendeiro	Indiferença
Falsidade	Planos impossíveis
Clone	Jeito carinhoso
A Mato-grossense	Noite fracassada
Meu Ranchinho	Diamante bruto
Amor de uma Festa	Utopia
Narcisista	Mulher maravilha
Felizes para Sempre	Dama de vermelho
Chuva no Pantanal	Anistia de amor
Estrada da Vida	Humilde residência
Morar nesse Motel	Fugidinha
Covardia Minha	Dolce Gabbana
Destino	O mar parou
Ciência Matuta	Decida
Diário do Caipira	A carta
Destino de Violeiro	Pássaro de fogo
Seio de Minas	Jeito do mato
Traidor	Esperança morta
A Vaca Foi pro Brejo	A noite
Cheiro de shampoo	É o amor
Olhos de luar	Pão de mel
Nova York	Sem medo de ser feliz
Chora peito	Coração em pedaços
Como não me apaixonar	Troca de calçada
Logo eu	Supera
Cantada boba	Eu sei de cor
Flor	Amante não tem lar

Fonte: dados da própria pesquisa.

A seleção das músicas para este estudo foi realizada com base em um critério essencial, a quantidade de ocorrências do /R/ em coda silábica. A escolha desse critério se justifica pelo fato de que a presença do /R/, principalmente no final, pode sofrer variações fonéticas significativas, sendo um dos traços marcantes da diversidade linguística do falar caipira no português brasileiro. Algumas dessas variações incluem a realização do /R/ como tepe [r], retroflexo [l] ou até mesmo a elisão do som em determinados contextos. Após a seleção das ocorrências, fez-se uma análise acústica dos *takens* coletados nas canções, de modo a dar mais concretude aos dados,

Em seguida, as ocorrências das variantes foram distribuídas no software RStudio, onde os dados da pesquisa foram analisados e transformados em percentuais e pesos relativos. Ao estabelecer como parâmetro a quantidade de /R/ em coda silábica, garantiu-se que todas as músicas selecionadas apresentassem ocorrências suficientes desse fenômeno linguístico para permitir uma análise fonético-fonológica detalhada. Dessa forma, o estudo busca compreender não apenas como esse fenômeno ocorre na fala cantada no sertanejo, mas também se há padrões distintos entre os estilos raiz e universitário, bem como possíveis influências regionais na realização fonética do /R/ final.

Diferentemente de outros estudos sobre o uso do /R/ em coda silábica, que costumam se basear em entrevistas sociolinguísticas ou análise de fala espontânea, este trabalho inova ao utilizar a música sertaneja como objeto de investigação. A análise do fenômeno no contexto da fala cantada permite observar a relação entre variação fonética e identidade estilística, além de contribuir para os estudos de variação linguística em ambientes digitais.

Por meio dessa abordagem, a pesquisa não apenas contribui para os estudos da variação linguística no português brasileiro, mas também oferece uma perspectiva inovadora sobre a relação entre música, fonética e identidade cultural no contexto digital contemporâneo.

Análise de dados

Com base nos fundamentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008), apresentamos os resultados obtidos por meio do R. O objetivo é analisar uso das variantes de /R/ em coda silábico presente nas músicas sertanejas alvos desta pesquisa, seguindo os princípios dessa abordagem sociolinguística.

Analisamos, de modo geral, um *corpus* de 96 músicas sertanejas, sendo 48 do sertanejo raiz e 48 do sertanejo universitário. Obtivemos um total de 854 ocorrências da

variável /R/ em coda silábica. Nesse contexto, encontramos nas letras analisadas a presença de 5 variantes de /R/, as quais foram: 355 retroflexos; 265 apagamentos; 227 tepes; 3 fricativos e 4 aspirados (verificação feita por meio do PRAAT). Desse modo, as ocorrências estão distribuídas da seguinte maneira:

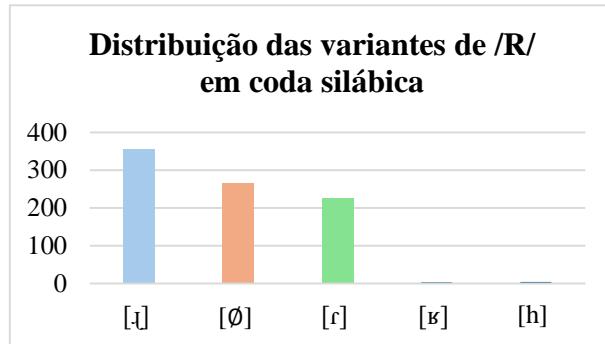
Tabela 1: Distribuição geral dos dados

Variante do /R/	Frequência	Percentagem (%)
[.]	355	41,58%
[Ø]	265	31,03%
[r]	227	26,57%
[ks]	3	0,35%
[h]	4	0,47%

Fonte: elaboração nossa.

Abaixo, o gráfico deixa mais evidente este contraste entre as variantes encontradas nas canções:

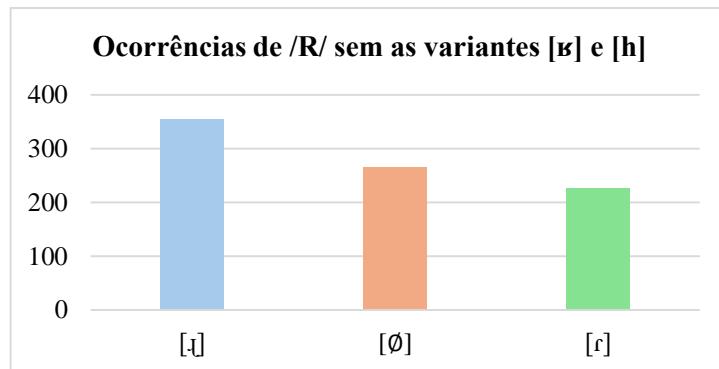
Gráfico 1: Distribuição das variantes de /R/ em coda silábica



Fonte: elaboração nossa.

As variantes [ks] e [h] não ocorrem suficientemente para serem cotadas estaticamente. No *corpus*, há 854 ocorrências, contabilizam-se apenas 3 fricativos em posição de coda silábica, e somente 4 /R/ aspirados. Isso posto, observamos que o [.] aconteceu 41,91% das vezes que a variante [Ø], que teve 31,29%. Já o [r] obteve uma diferença mais discrepante que a variante retroflexa, tendo 26,80% das ocorrências. Apesar de o [.] ser mais frequente, é notória a forte presença de apagamento, especialmente em coda silábica externa:

Gráfico 2: Ocorrências de /R/ sem as variantes [ʁ] e [h]

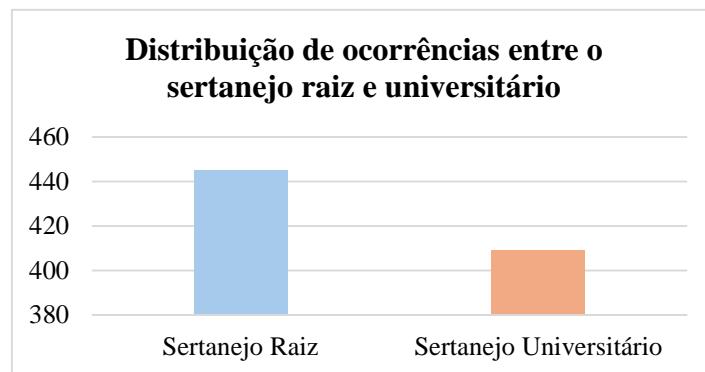


Fonte: Elaboração nossa.

A análise do gráfico evidencia um contraste marcante entre as variantes do /R/ em coda silábica nas músicas sertanejas. Observa-se que o [l] ainda apresenta uma presença significativa, com 355 ocorrências, sugerindo uma resistência dessa variante, possivelmente ligada à identidade linguística das regiões onde o sertanejo tem forte tradição, como em Goiás. No entanto, o [Ø] surge como uma tendência em crescimento, com 265 ocorrências, ficando próximo do [l], o que sugere que essa variante vem ganhando espaço nesse contexto específico das letras sertanejas. Ademais, o [r] aparece com menor frequência (227 ocorrências). Esses dados indicam que essas mudanças articulatórias são influenciadas por fenômenos de variação linguística urbana e pela modernização do gênero musical.

Tal cenário reforça que a variação do /R/ em coda silábica, nesse gênero musical, se dá majoritariamente entre a manutenção do retroflexo e o avanço do apagamento e do tepe. Essas ocorrências acontecem de formas diferentes entre os dois tipos de sertanejo analisados nessa pesquisa. Das 854 ocorrências, 445 freqüências pertencem ao sertanejo raiz, e 409 foram do sertanejo universitário. O gráfico abaixo ilustra essa diferença:

Gráfico 3: Distribuição de ocorrências entre o sertanejo raiz e universitário



Fonte: Elaboração nossa.

Essa diferença pode estar relacionada à estrutura fonológica das palavras utilizadas em cada estilo. No sertanejo raiz, a presença do /R/ em coda silábica, especialmente em coda interna (ou seja, dentro das palavras, como em *porta* ou *forte*), é mais frequente, sugerindo uma maior preservação dessa característica fonética. Das 445 ocorrências de /R/ em coda silábica nas letras do sertanejo raiz identificadas no *corpus*, mais de 50% foram localizadas em coda interna, e, em todas essas ocorrências, registraram-se exclusivamente as variantes retroflexa e tepe. Isso indica não apenas uma preferência fonética marcada, mas também uma identidade sonora mais estável e conservadora nesse subgênero frequente,

Por outro lado, no sertanejo universitário, a leve redução da frequência do /R/ em coda pode indicar uma tendência a evitar esse fonema, possivelmente devido às mudanças no estilo musical e na forma de pronúncia adotada pelos cantores desse subgênero. Essa diferença pode estar ligada a um processo de simplificação articulatória, tornando o canto mais fluido e próximo de um registro coloquial urbano, no qual o apagamento do /R/ é mais comum.

Esse dado sugere que o sertanejo universitário pode estar seguindo uma tendência de redução do uso do /R/ em coda silábica interna, enquanto o sertanejo raiz mantém essa característica com maior regularidade. As tabelas a seguir mostram o número de ocorrência das variantes de /R/ em cada estilo de sertanejo.

Tabela 3: Distribuição das variantes para sertanejo raiz

Variante do /R/	Ocorrências	Percentual (%)	Peso Relativo
[t̪]	230	54,3%	0,54
[ɾ]	140	37,1%	0,36
[Ø]	75	9,6%	0,10

Fonte: Elaboração nossa.

Tabela 4: Distribuição das variantes para sertanejo universitário

Variante do /R/	Ocorrências	Percentual (%)	Peso Relativo
[Ø]	175	52,2%	0,52
[f]	140	30,8%	0,31
[t̪]	87	14,85%	0,15
[v]	3	1,2%	0,02
[h]	4	0,9%	0,01

Fonte: Elaboração nossa.

A análise do uso das variantes da variável /R/ em coda silábica, a partir dos pesos relativos extraídos das tabelas correspondentes ao sertanejo raiz e ao sertanejo universitário, revela importantes diferenças entre os dois estilos. No sertanejo raiz, observa-se que a variante retroflexa [ɿ] apresenta um peso relativo de 0,54, o que indica um favorecimento em sua realização. Essa preferência sugere que o estilo raiz mantém a retroflexa como um traço identitário característico, reforçando sua associação com a fala caipira tradicional.

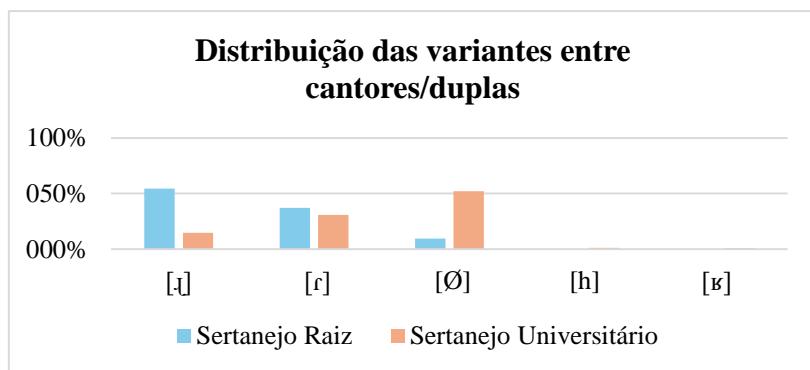
Já o [f], com peso relativo de 0,36, é um pouco desfavorecido nesse estilo. O mesmo ocorre com o [∅], que apresenta um peso de 0,10, evidenciando uma rejeição significativa dessa realização no sertanejo raiz. Esses dados confirmam uma tendência de preservação da retroflexa e de resistência a formas que, foneticamente, se afastem do padrão regional marcado.

Por outro lado, no sertanejo universitário, o [∅] passa a ser a forma mais favorecida, com peso relativo de 0,52. Esse dado evidencia uma mudança no padrão fonético do gênero, indicando uma tendência de simplificação articulatória e possível aproximação com formas urbanas e mais neutras do português brasileiro. A variante retroflexa [ɿ], que era favorecida no estilo raiz, passa a ser desfavorecida no universitário, com peso de 0,15, revelando um enfraquecimento do traço regional no novo cenário musical.

O [r] tem peso 0,31, ultrapassando a variante retroflexa. As variantes [v] e [h], por sua vez, apresentam pesos relativos de 0,02 e 0,01, respectivamente, o que indica uma rejeição praticamente total dessas formas no sertanejo universitário, mesmo sendo variantes frequentes em outras variedades urbanas da fala brasileira.

Os dados demonstram que as duplas e cantores do sertanejo raiz preservam majoritariamente o [ɿ] e o [f], com um peso relativo maior, indicando que essas variantes são altamente favorecidas nesse grupo. Já no sertanejo universitário, há uma maior dispersão entre variantes, sendo que o retroflexo ainda aparece, mas em menor proporção. Além disso, variantes urbanas como o [v], o [h] e o [∅] do /R/ aparecem com maior frequência, refletindo a adaptação desse estilo musical ao público mais amplo. Esses dados corroboram a ideia de que a variação do /R/ no sertanejo está ligada ao prestígio das variantes em diferentes contextos musicais.

Gráfico 4: Percentual das variantes entre os estilos sertanejos



Fonte: elaboração nossa.

A análise apresenta a distribuição das variantes do /R/ entre cantores e duplas do sertanejo raiz e do sertanejo universitário, evidenciando uma mudança fonológica profundamente associada às identidades sociais e estilísticas construídas por cada subgênero. A partir do peso relativo, observamos que há uma distinção marcante entre os dois estilos musicais, tanto no plano fonético quanto no identitário.

No sertanejo raiz, a variante [l] é a mais favorecida, com peso relativo de 0,54, indicando uma maior tendência de uso. Esse padrão está em consonância com estudos da Sociolinguística Variacionista, como os de Cardoso (2010) e Lucchesi (2001), que identificam a retroflexão como uma marca tradicional da fala rural brasileira, especialmente no interior de Goiás e São Paulo, regiões onde esse gênero musical se consolidou historicamente. A variante retroflexa carrega consigo valores simbólicos como a simplicidade, a rusticidade e a autenticidade, que são traços centrais da imagem projetada pelo sertanejo raiz. Conforme Eckert (2000), em termos de construção de identidade, podemos dizer que a escolha da retroflexa funciona como um indexador social, ou seja, uma forma fonética que aponta para uma origem ou posicionamento sociocultural específico.

A variante [r], com peso relativo de 0,36, aparece como uma forma secundária, mais desfavorecida, porém, ainda presente, o que demonstra uma variação condicionada possivelmente por contexto fonológico ou por influências da norma urbana mais prestigiosa. Já o apagamento [Ø] apresenta peso de apenas 0,10, o que demonstra uma clara rejeição dessa forma no sertanejo raiz. O apagamento, muitas vezes relacionado à fala mais informal e urbana, como demonstrado em estudos de Callou & Leite (2002), vai contra os valores de

clareza e expressividade buscados nesse estilo, cuja performance vocal valoriza a articulação das palavras e a emotividade.

Por outro lado, no sertanejo universitário, a distribuição das variantes revela uma reconfiguração linguística significativa, que acompanha as transformações no próprio *ethos* do gênero. A variante [Ø], que era praticamente rejeitada no sertanejo raiz, aparece agora com peso relativo de 0,52, ou seja, é a forma mais favorecida no estilo universitário. Essa mudança sugere uma valorização de traços fonéticos urbanos, em especial da fala de jovens falantes das grandes cidades, onde o apagamento do /R/ em coda final é recorrente.

Essa variante pode, portanto, funcionar como um marcador estilístico de modernidade e descontração, contribuindo para o distanciamento do imaginário caipira e para a aproximação com gêneros como o *pop* e o *funk*, com os quais o sertanejo universitário frequentemente dialoga. Em termos teóricos, isso se encaixa na noção de práticas de estilização discutida por Bucholtz & Hall (2005), que explicam como formas linguísticas são selecionadas estratégicamente para a construção de identidades sociais específicas.

Nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, há uma tendência de maior conservação do [l], característica associada ao português caipira e à forte influência da fonética interiorana. Esse fenômeno pode ser explicado pela menor influência de centros urbanos de grande porte e pela manutenção de traços linguísticos típicos do interior paulista, de onde muitos migrantes para esses estados se originaram. Segundo Nascimento (2015), a retroflexão do /R/ em coda é uma marca identitária do português falado no Centro-Oeste, especialmente em áreas com menor contato com variedades urbanas mais prestigiadas.

Por outro lado, os estados de Minas Gerais e Paraná mostram maior propensão ao uso do tepe [r] e ao apagamento do /R/. Em Minas Gerais, essa característica pode estar relacionada ao continuum dialetal entre o português caipira e o português mineiro, que favorece o [r] em determinadas regiões e a neutralização fonética em outras. No Paraná, a presença de migrações de diferentes estados pode ter contribuído para uma menor rigidez na realização da retroflexão, favorecendo tanto o [r] quanto a supressão do /r/. Esse apagamento pode ser comparado a fenômenos registrados em dialetos do sul do Brasil, onde a redução de sons em coda silábica é uma característica recorrente.

Já o estado de São Paulo apresenta a maior variação entre as variantes retroflexa, tepe, fricativa, aspirada e apagamento, o que reflete a diversidade linguística do estado. Como São Paulo abriga tanto zonas rurais de tradição caipira quanto centros urbanos altamente

influenciados por padrões linguísticos prestigiados, há um espectro mais amplo de realizações do /R/.

Em síntese, o panorama linguístico paranaense revela um estado em que a vibrante simples [r] se consolida como forma dominante e favorecida, enquanto variantes associadas ao tradicionalismo, como a retroflexa [l], recuam, e inovações como o apagamento [Ø] caminham de modo ainda tímido. O estado, portanto, apresenta um perfil de mudança linguística mais avançada em direção à simplificação, mas que ainda preserva características conservadoras em relação à expansão de variantes mais inovadoras como o apagamento e a fricativa uvular.

Conclusão

Com base na análise dos dados obtidos e nos fundamentos teóricos que embasam este estudo, é possível traçar considerações finais claras sobre a variação da variável /R/ em coda silábica nas músicas sertanejas e sua relação com a construção da identidade caipira em diferentes contextos sociais, culturais e temporais.

Os resultados da análise fonético-fonológica revelaram que há uma diferença significativa na realização do /R/ entre os estilos sertanejo raiz e universitário. Nas músicas do sertanejo raiz, observou-se uma tendência mais marcada à manutenção de traços fonéticos associados à fala caipira tradicional, com a presença recorrente de realizações retroflexas [l] e tepe [r], que reforçam uma identidade linguística rural e tradicional, alinhada à estética e aos valores do interior. Já nas músicas do sertanejo universitário, percebeu-se uma maior incidência de apagamento ou neutralização do /R/ em contextos de coda, bem como uma aproximação da fala urbana padrão, o que reflete uma reconstrução da imagem do caipira: mais moderna, urbana e adaptada às dinâmicas culturais contemporâneas.

Essa diferença de uso não é aleatória, mas sim profundamente enraizada em fatores sociais e identitários. Conforme sustentado pela Sociolinguística da Terceira Onda (Eckert, 2005), os estilos linguísticos não apenas revelam características regionais e sociais, mas também performam identidades e papéis sociais. Nesse sentido, a escolha estilística na pronúncia do /R/ não se limita a um traço linguístico, mas constitui um marcador identitário. O sertanejo raiz utiliza a fala como forma de resistência cultural, reafirmando sua ligação com o campo e a tradição. Já o sertanejo universitário sinaliza um deslocamento dessa identidade para um espaço de maior hibridização cultural, no qual o sujeito caipira se mostra remodelado pelas influências da modernidade, do consumo midiático e do agronegócio.

A fundamentação teórica amparada em autores como Hall (2015) e Antunes (2012) reforça essa ideia de que as identidades são móveis, fragmentadas e resultantes de um jogo dinâmico entre cultura, tempo e espaço. No caso específico da música sertaneja, esse jogo se manifesta linguisticamente por meio da variação do /R/, que simboliza mais do que uma mudança fonética: representa um deslocamento identitário. A figura do caipira do século XXI se reconfigura diante de novas demandas sociais, econômicas e culturais, refletindo transformações profundas na estrutura da sociedade brasileira.

Portanto, esta pesquisa confirma a hipótese de que a variação do /R/ em coda silábica está diretamente ligada à construção estilística e identitária dos cantores e das vertentes do sertanejo analisadas. As realizações fonéticas revelam escolhas conscientes ou inconscientes de estilo, que dialogam com as práticas sociais e culturais da comunidade de fala à qual os artistas pertencem ou desejam se associar. Assim, a variação fonológica torna-se ferramenta expressiva de representação cultural, reforçando a importância da análise sociolinguística em estudos de identidade e cultura popular.

Referências

- ANTUNES, E. **De Caipira a Universitária: A História do Sucesso da Música Sertaneja.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; OLIVEIRA, M. R. V. de. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. *Discourse Studies*, v. 7, n. 4–5, p. 585–614, 2005.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia.** 6. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- CARDOSO, S. A. M. **Dialectologia e sociolinguística:** abordagens complementares. São Paulo: Contexto, 2010.
- ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 10, n. 2, p. 107–118, 2005.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUCCHESI, D. **A variação e o conceito de norma linguística.** Salvador: EDUFBA, 2001.
- MOLLICA, M. C. **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2012.

Resumo: Este trabalho investiga a variação da realização do /R/ em coda silábica em músicas sertanejas, nas vertentes raiz e universitária, a partir da perspectiva da Sociolinguística Variacionista, sobretudo da terceira onda. O corpus é formado por 96 canções de artistas representativos de seis estados brasileiros. A análise, feita com apoio do software *RStudio*, revelando diferenças significativas entre os estilos. No sertanejo raiz, prevaleceu a retroflexão [ɿ], associada à identidade tradicional e rural, enquanto no universitário houve maior presença do apagamento [Ø] e do tepe [ɾ], refletindo modernização e urbanidade. Esses resultados evidenciam que a variação fonética funciona como marcador identitário, indexando valores culturais e sociais distintos em cada vertente. A pesquisa contribui para os estudos da variação no português brasileiro e amplia a compreensão da relação entre língua, música e identidade cultural.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista; música sertaneja; variação fonética; identidade; português brasileiro.

Resumen: El trabajo investiga la variación de la realización del /R/ en coda silábica en canciones de música sertaneja, en las vertientes raíz y universitaria, desde la perspectiva de la Sociolinguística Variacionista, especialmente de la tercera ola. El corpus está compuesto por 96 canciones de artistas representativos de seis estados brasileños. El análisis, realizado con apoyo del software *RStudio*, reveló diferencias significativas entre los estilos. En el sertanejo raíz predominó la retroflexión [ɿ], asociada a la identidad tradicional y rural, mientras que en el universitario hubo mayor presencia del apagamiento [Ø] y del tepe [ɾ], reflejando modernización y urbanidad. Estos resultados evidencian que la variación fonética funciona como un marcador identitario, indexando valores culturales y sociales distintos en cada vertiente. La investigación contribuye a los estudios de variación en el portugués brasileño y amplía la comprensión de la relación entre lengua, música e identidad cultural.

Palabras clave: Sociolinguística variacionista; música sertaneja; variación fonética; identidad; portugués brasileño.

Recebido em: 2/8/2025.

Aceito em: 12/10/2025.